

## A DIÁSPORA NO ORIENTE: REGRESSO E PERMANÊNCIA

Carlos d'Alge

Sucessos, derrotas, exílio, riqueza, miséria, corrupção, marcaram a aventura portuguesa no Oriente. Os cronistas da época, primeiro em João de Barros, prosseguindo em Diogo do Couto, nas narrativas da **História Trágico-Marítima**, nas peripécias de Fernão Mendes Pinto, e nos relatos de outros viajantes, dão-nos conta das condições de vida na Índia, no Japão e na China, naqueles recuados séculos.

A mitologia de um Oriente que fascinava os portugueses começa, pois, na **Primeira Década**, de Barros. De fato, “Damião de Góis só se interessa pelo Oriente de maneira episódica. Pelo contrário, João de Barros concentra na evocação da descoberta e da conquista de terras orientais o essencial quer da sua pesquisa de historiador quer da sua arte clássica.”<sup>1</sup> Mas é em Diogo do Couto que vamos encontrar a notícia de um paraíso perdido, num contraponto à épica camoniana. Lembremos que Camões preferiu criar uma “ilha namorada” para repouso e fruição dos marinheiros, certo de que os louvores e prêmios, no retorno à Pátria, seriam efêmeros e fingidos. A “ilha deleitosa”, em que os humanos convivem com os divinos, é a pintura de um Éden, cujo retrato foi tirado do real, confundido com a topologia mítica.

Assim, **Três formosos outeiros se mostravam, / Erguidos com soberba preciosa, / Que de gramíneo esmalte se adornavam, / Na Formosa Ilha, alegre e deleitosa. / Claras fontes e límpidas manavam / Do cume, que a verdura tem viçosa; / Por entre pedras alvas se deriva / A sonora linfa fugitiva.**<sup>2</sup>

Um cenário perfeito para o deleite e o prazer dos humanos. Um quadro alegórico, como o viu Hernâni Cidade, pintado “com delicadas demoras de artista enamorado do seu assunto”.<sup>3</sup> Seria a “ilha deleitosa” uma nova Ogígia? Uma alegoria ou uma imitação da realidade como levam a crer as indicações colhidas em D. João de Castro por Cunha Gonçalves, em seus **Estudos Camonianos**? Segundo aquela leitura, a Ilha de Vênus é verdadeira, correspondendo à descrição que dela fez Camões, à que da ilha de Bombaim encontra-se em D. João de Castro. Assim, a ilha tem na parte sul as águas de **enseada**. A ponta que está da banda do norte faz uma praia muito formosa e

comprida, do começo desta praia, que é onde se alevantam **três montes pequenos e agudos**. A terra desta Ilha é “muito **baxa** e coberta de grandes e graciosos arvoredos.”<sup>4</sup>

Os **três outeiros** e o **vale ameno** corresponderiam à descrição de D. João de Castro. Os jardins e o palácio de Garcia de Orta teriam servido de modelo e inspiração a Camões que visitou o lugar e chegou a escrever versos ao Vice-Rei da Índia, o Conde de Redondo, publicados por Garcia de Orta, nos seus **Colóquios dos Simples e das Drogas da Índia**, em 1563. O palácio do médico português seria convertido nos paços de Tétis, de “rica fábrica”.

De retorno à Pátria, numa parada em Moçambique, Camões é visto por Diogo do Couto. Disso nos fala o cronista, que ajudou o poeta, carente de recursos materiais. O seu desembarque em Lisboa é narrado por Garrett no poema homônimo. O episódio é romântico. Tocam os sinos a funeral, Camões percebe que a sua amada Natércia vai ser enterrada e desmaia. Morre dez anos depois, à míngua, assistido pelo escravo Jaú, segundo a concepção garrettiana e a de Casimiro de Abreu que, inspirado no autor romântico português, escreve uma cena dramática sobre o desenlace do épico.

Dos amores imaginários e platônicos muita coisa ficou nos versos. Dos amores reais, foram concedidas a Camões as graças de duas jovens orientais, a chinesinha Dinamene e a negra Bárbara, de quem o poeta diz **Aquela cativa / Que me tem cativo. / Porque nela vivo**. Do convívio com Dinamene, ficaram alguns dos mais belos sonetos da língua portuguesa. Da relação com Bárbara, aquilo que o poeta chama de “Pretidão de amor”, ou seja, a satisfação da oferta, bem-entendida por Afrânio Peixoto, em texto manuscrito. Escreve o estilista baiano: “**Nigra sum sed formosa** foi a razão da namorada dos **Cantigos**, a Sulamita do suposto Salomão. Será louvada a “pretidão do amor”, do nosso Poeta, esse Camões, que não se diferiu muito dos outros portugueses, nem de seus descendentes baianos.”<sup>5</sup>m

Explicava Afrânio, não ser a cor negra anti-estética. Pelo contrário, belas negras e mulatas haviam acalentado muitos corações enamorados.

As desgraças e tragédias no retorno são matéria viva da **História Trágico-Marítima**. Exemplo recontado é o do naufrágio de Manuel de Sousa Sepúlveda, que sonhara enriquecer na Índia e que pudera embarcar com os seus haveres e economias, mas antes de chegar a seu destino fora surpreendido pela fatalidade. Camões conta o episódio através da fala do Admator: **Outro também virá, de honrada fama, / Liberal, cavaleiro, enamorado, / E consigo trará a formosa**

**dama (...)** / **Triste ventura e negro fado os chama.** Jerônimo Corte Real aproveita o tema e, no **Naufrágio e lastimoso sucesso da perda de Manuel de Sousa Sepúlveda**, de 1594, narra as desventuras desse fidalgo português.

Desviemos, agora, o olhar para o avesso da colonização da Índia. Leiamos Diogo do Couto: **“A muitos deu a Índia muitos haveres e riquezas; mui ricos homens foram de lá; mas em nenhuma das histórias achareis feita memória destes, por muito alevantados que fossem em sangue e dignidade; e muitos vereis de mediano nascimento, sublimados neles por seus feitos, que lhe podem ter grandes invejas os mais ricos do Mundo.”**<sup>6</sup>

A vida não fora generosa para o cronista. A sua sorte e a da Índia seguiram paralelas. Escreve: **Consola-me que, pois a Índia padece de tantos naufrágios e atribulações, que é justo que o seu cronista corra com ela varrer a mesma fortuna.** Desiludido com o Rei, solitário e amargurado, Diogo do Couto falece em 1616, depois de ter passado uma década no Oriente.

No seu **Soldado Prático**, o cronista não se contenta em apontar o mal, com todos os seus infortúnios e com o profundo conhecimento do homem que testemunhou as mazelas do colonizador. Vai mais adiante, indica quais foram os responsáveis pela espantosa decadência do Império. Camões cantara as antigas glórias da Pátria, num frenético esquecimento do presente; Couto analisa impiedosamente as vergonhas desse presente e mostra-nos o Reino e o Império afundados num tremendo de infâmias. Por toda a parte havia o amor ao luxo, a ambição da riqueza, a corrupção, o roubo e a concussão.

A sedução do desconhecido foi o estímulo de que precisava um contemporâneo de Diogo do Couto, que como muitos outros portugueses foram levados a espalhar-se pelo litoral asiático e dedicar-se ao tráfico mercantil e, por que não dizer, à pirataria. Falamos de Fernão Mendes Pinto e nenhum outro viajante como ele representaria a expansão portuguesa dita informal. Ao tratarmos da diáspora no século XVI, Mendes Pinto seria o representante ideal de um gênero de portugueses que tentou a aventura definitiva, em busca do que se chamava então **honra e proveito**.

O viajante Mendes Pinto esteve na Índia, Malásia, Sião, Peru, Japão e China. Foi ele um dos primeiros europeus a chegar ao Japão. A sua **Peregrinação** é uma obra singular, plena de aventuras e sucessos. Um terço do livro descreve as peripécias de Antônio de Faria, aventureiro e pirata. Entretanto, é também uma obra filosófica e

moralista. Mendes Pinto é um dos primeiros escritores a condenar o imperialismo europeu. A par da crítica, as tintas da ironia e da sátira compõem a estrutura autobiográfica da narrativa.

Rebeca Catz, que estudou a **Peregrinação** e a traduziu para o inglês, diz-nos que não se deve por de lado o aspecto satírico. Assim, rimos e nos deleitamos com as aventuras de Mendes Pinto, e da sua estupefacção em contacto com o **incrível** e o **espantoso**. Mas as suas observações sobre a usura e a ganância dos governadores no Oriente, as traições e engodos de toda a sorte, mostram-nos um lado da colonização que ignorávamos ou fingíamos ignorar.

Antônio de Faria é o modelo de que se vale Mendes Pinto para centrar a sua crítica nos falsos ideais da conquista. Não é gratuito que as aventuras do corsário português ocupem, como dissemos mais de um terço da **Peregrinação**. A busca do ouro era o **modus operandi** dos colonizadores representados por Faria. Chegam eles a imaginar a existência de uma **ilha de ouro**. A China, de que se servirá mais tarde Eça de Queiroz para a elaboração de uma novela, é vista por Mendes Pinto sob a forma de sátira utópica.<sup>7</sup>

Admira-se o narrador com a riqueza exagerada da China, em oposição à gritante pobreza de sua Pátria. Reconhece ser a pobreza um castigo divino, enquanto a abundância é apresentada como compensação celestial. Afonso de Albuquerque, o grande capitão, é visto sob outra perspectiva. Na China, o glorioso soldado é imortalizado como o rei dos ladrões do mar. Por fim, reconhece Mendes Pinto que não se ganha nenhuma batalha apelando à divina providência.

Outro enamorado do Oriente, o tenente da Marinha Manuel Maria Barbosa du Bocage, vive um período de expatriação, já no final do século dezoito. Presta serviço em Goa, entre 1788 e 1790. Mas cedo exhibe o seu desagrado e escreve versos à sua infiel Gertrúria, aliás Gertrudes Homem de Noronha: **Cá do pe' das gangéticas ribeiras, / Inimigas da paz, e da alegria, / Cá dentre serpes, tigres e palmeiras**: O poeta, que desde criança sofre de traumatismos psicológicos (perdeu a mãe aos dez anos de idade), queixa-se da inconstância de Gertrúria que acaba por casar com o seu irmão: **Por vários sertões gemi, vagante: / Falta-me ainda o pior, falta-me agora / Ver Gertrúria nos braços de outro amante**. Da Índia não terá mais ilusões. Compara o seu destino ao de Camões a quem dedica o conhecido soneto em que chora o seu duplo infortúnio: o exílio e a infidelidade amorosa: **Como tu, junto ao Canges sussurrante / Da penúria cruel do horror me vejo; / Como tu, gostos vãos, que em vão desejo, / Também carpindo estou, saudoso amante.**<sup>9</sup>

Na segunda metade do século XIX, Eça de Queiroz vai ao Egito. Durante dois dias visita o Cairo, Alexandria, e segue até Jerusalém. As notas que redige durante o passeio servirão para a feitura de livros como **A Relíquia**, **A Correspondência de Fradique Mendes**, as **Len-das de Santos**, **O Mandarin**, as **Notas Contemporâneas**, as **Cartas de Inglaterra**.

Entretanto, é n'O **Mandarin** que Eça dará curso a uma visão fantasista da China. Como o personagem da novela de Adelbert Von Chamisso, que vendeu a própria sobra ao diabo, o bacharel Teodoro troca o seu destino pela herança de um mandarim que habita os confins do Império do Meio. Mas tudo acaba mal para o amanuense do Ministério do Reino. Ernesto Guerra da Cal vê n'O **Mandarin** a confrontação antitética de dois mundos. Dum lado, o Portugal do Constitucionalismo, satiricamente desvalorizado; e do outro, cosmos de evasão estética, geográficos e históricos, liricamente utilizados, com sutil ironia poética.<sup>9</sup>

Eça Voltaria a tratar do Oriente, especificamente do **homem amarelo**, nas **Cartas Familiares e Bilhetes de Paris**, quando profetiza a invasão dos orientais no Ocidente. Escreve: **Mas virá, todavia, o homem amarelo! Virá muito humildemente, muito pacificamente, em grandes paquetes, com a sua trouxa às costas. Virá, não para assolar, mas para trabalhar.**

Mais adiante trata do Brasil, e a sua premonição foi acertada: **Vós, amigos, aí no Brasil, parece que os desejais, para vos plantar e vos colher o café. Sereis inundados, submergidos. Virão cem, virão logo mil.**<sup>10</sup>

Dois outros portugueses iriam em busca do fascínio do Oriente. Um deles, Wenceslau de Moraes, seria o grande orientalista da literatura portuguesa moderna, tendo-se convertido a um Japão ideal que amou até à morte. Esse ficou para sempre na terra mítica. Viveu em Macau, e dessa permanência resultou o volume **Traços do Extremo Oriente**. Nomeado cônsul em Kobe, ligou-se maritalmente a uma "geisha" O-Yoné, e acabou por adotar uma sobrinha desta, Ko-Haru, nomes de que se valeria para títulos de suas coletâneas de novelas. Reconhece Urbano Tavares Rodrigues em Wenceslau de Moraes um reacionário aos olhos do nosso tempo, refugiado em romântico exótico sem possuir o refinamento estético de Camilo Pessanha.<sup>11</sup> Todavia, Wenceslau de Moraes, isolado na ilha de Tokushima, representa aquele troço de portugueses que não mais retornará à Pátria, embriagado pela natureza pitoresca, pela diversidade de modo de vida, pelo encantamento do Império do Sol Nascente.

Camilo Pessanha foi outro que permaneceu na terra longínqua. Companheiro de Wenceslau de Moraes por dez anos, Pessanha morou em Macau, onde levou uma existência irregular e onde morreu, em 1926. Também se ligou maritalmente a uma nativa, Ngan-Yen, e, no exílio, punha em versos doloridos a sua ânsia saudosa e a submissão ao destino. Recorde-se a "Inscrição" que abre o volume de poemas *Clepsydra*: **Eu vi a luz em um país perdido / A minha alma é lânguida e inerme. Oh! Quem pudesse desligar sem ruído: / No chão sumir-se, como faz um verme...** /<sup>12</sup> O orientalismo em Camilo Pessanha era mais uma atitude psíquica do que propriamente uma concepção literária. Daí as quase inexistentes menções à vida chinesa nos seus versos.

De Camões a Pessanha, quantos portugueses foram em demanda da aventura e do sucesso, da felicidade num mítico porto? Muitos puderam retornar, outros acabaram tragados pelos naufrágios, guerras, desastres e doenças. Em todos havia o mesmo desejo de riqueza. A maioria não a conseguiu e acabou por optar pela segunda pátria. A viver numa terra como a que nos fala Álvaro de Campos, em **Opiário**, numa Índia que Fernando Pessoa não conhecera, mas percebera através do seu alter ego.

Pelo canal de Suez, a bordo de um pacote, Álvaro de Campos vai em busca da aventura exótica. Reconhece que **não vale a pena ter / Ido ao Oriente e visto a Índia e a China. / A terra é semelhante e pequenina**. A Pátria, para Pessoa, que diria mais tarde ser o lugar da língua portuguesa, é, agora, onde o poeta não está: **A minha Pátria é onde não estou**, diz no poema. Reconhece ainda pertencer a um gênero de portugueses **Que depois de estar a Índia descoberta / Ficaram sem trabalho**.<sup>13</sup>

Maria Ondina Braga não seguiu o imaginário pessoano ou queiroziano. Ela, como muitos outros portugueses, também viveu a aventura do outro lado do mundo. Esteve em Macau e Pequim, onde lecionou. De sua permanência naquelas duas cidades deu-nos testemunho em dois livros, **A China fica ao lado** e **Angústia em Pequim**. Na China, testemunha: **Não se conhecem depressões, nem melancolia, nem tédio. Menos ainda vestígios do que no Ocidente se classifica de psicose. Por via da placidez com que por cá se vive? Por que os chineses guardam no sange a raça pura do primeiro homo sapiens? Quiçá pelos dois motivos**.

Como o pintor Lin Haisu, Maria Ondina Braga pôs os seus sentimentos nas narrativas de **Angústia em Pequim**, pois não basta o

entusiasmos para fixar na memória tão vasta paisagem. Quando chegou a Pequim, a escritora só sabia que em chinês, Portugal era Pu-tau-ia: “nome de certo posto a Portugal por algum remoto embaixador chinês. Desembarcou ali, o representante do Império do Meio do Mundo, era setembro. Impressionou-se com as cepas escoradas de pejudas, os cestos a esbordar pelos carreiros das quintas, as pessoas sôfregas, de queixo a escorrer sumo. Que abundância! E assim anotou no “diário” que devia de entregar a sua Majestade Imperial: “Estranha Nação esta cuja principal riqueza parece provir das uvas...” À França dera ele o nome de Fa Quo, Reino das Leis. Por que não aqui Pu-tau-ia: Dentes-de-Uvas?”<sup>14</sup>

Sonho da pluralidade, da unidade e do paradoxo, de uma Índia imaginária, Pessoa reconstruía, já nos seus últimos anos, o cais da partida para o mundo, o cais arquetipal e absoluto, de que nos falara na **Ode Marítima**, revisto, mais tarde, em alguns poemas de **Mensagem**. Portugal, para repetir o demiurgo Agostinho da Silva, é o ser da terra, única Nação estável até hoje, construída por gente de várias origens, os indígenas, os invasores cartagineses, os gregos, romanos, bárbaros do Norte e Leste e árabes.

É este País que tentamos reescrever hoje. Valho-me de Miguel Torga para tentar compreender o significado que ele nos propicia. O País que amamos e de que herdamos a nossa cultura. Escreve Torga, no seu Diário: **Portugal. Foi a procurar entendê-lo que compreendi alguma coisa de mim. As pátrias são espelhos gigantescos onde se reflete a pequenez dos filhos. À nossa medida, herdamos a diimensão. E a singularidade. Todos os Alcáceres Quibir e todas as Aljubarrotas estão em mim. Descobri mundos e ando repartido por eles. Tenho também oitocentos anos e pareço uma criança.**<sup>15</sup>

## NOTAS

1. Em **O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa**, de Álvaro Manuel Machado. Biblioteca Breve, ICALP/ME, vol. 72, Lisboa, 1983, p. 26.
2. Luís de Camões. **Os Lusíadas**. Ed. org. por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1975.
3. Em Hernâni Cidade. **Luís de Camões o Épico**. 3ª ed., corr. e atual. Livraria Bertrand, Lisboa, 1968.

- 
4. Ver comentário em **Os Lusíadas**, ed. cit.
  5. Manuscrito em poder do Autor. Título: "**Pretidão de amor**". Trata-se de um capítulo inédito de Afrânio Peixoto para o livro **Breviário da Bahia**.
  6. Ver Diogo do Couto. **O Soldado Prático**. 2ª ed. Coleção de Clássicos Sá da Costa. Notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, 1954, pp. 246-247.
  7. Conforme Rebecca Catz, em **Fernão Mendes Pinto - Sátira e anti-cruzada na "Peregrinação"**. Biblioteca Breve. ICALP/ME, Lisboa, 1981.
  8. Ver **Obras de Bocage**. Ed. em papel bíblia. Livraria Lelo & Irmão, Editores, Porto, 1968, p. 267.
  9. Artigo de A. Campos Matos no **Dicionário de Eça de Queiroz**. Editorial Caminho, Lisboa, 1988, p. 393.
  10. Eça de Queiroz, em **Cartas Familiares e Bilhetes de Paris**. (1893-1896) III — Chineses e Japoneses. Livraria Lello & Irmão, Editores, Porto, 1945.
  11. Artigo de Urbano Tavares Rodrigues no **Dicionário de Literatura**, 2º vol. Figueirinhas, Porto, 1973, p. 666.
  12. Ver **Clepsydra e outros poemas** de Camilo Pessanha.
  13. Fernando Pessoa, em **Obra Poética**, organizada por Maria Aliete Galhoz, Editora Aguilar, Rio de Janeiro, 1965.
  14. Maria Ondina Braga. **Angústia em Pequim**. Editora Ulmeiro, Lisboa, 1984.
  15. Trecho do Diário inédito de Miguel Torga, publicado no **Jornal de Letras, Artes e Idéias**, Lisboa, referente a 29 de junho de 1988.